

Clarice Hausen
Estagiária APERS/Curso de História FAPA

No início do projeto foi um processo de aproximação com o seu funcionamento e seu formato. Com muitas tentativas e muitos erros, o entendimento do projeto veio somente mais tarde, se é que posso dizer que o atingi plenamente. Nesta primeira proposta, **Os Anos de Chumbo da Ditadura e a Luta Armada no Rio Grande do Sul**, não tive nenhuma responsabilidade ou participação significativa. Quando a proposta foi postada no blog dia 14/05/2014, acessei para vê-la na íntegra, para buscar referências de como era o resultado final dos passos desenvolvidos pela Nôva. Prestei atenção no título da matéria, o texto de apresentação e como ele se dirigia ao leitor, onde se localizava o link da proposta, a interação da proposta com o leitor, e o link do processo digitalizado. Isso me deu uma certa noção de seu funcionamento e de seu formato. A pergunta que me fazia com frequência era – Onde me encaixaria, ou como eu seria útil, em um processo tão complexo e tão dinâmico? – Daí, bateu o desespero.

Na realização da segunda, **Compra e venda de Negros Escravizados: da relação de coisificação à relação entre sujeitos**, proposta percebi que o diálogo e a dedicação são indispensáveis. Por ser um projeto de construção em cima de temáticas e de propostas sempre novas, a compreensão de seus objetivos são fundamentais. E o diálogo era a única forma de acesso se eu quisesse realmente fazer parte dessa construção. Aqui começa o meu contato efetivo com o projeto, com a tarefa de buscar imagens para a atividade do jogo de memória. Aparentemente algo simples, mas que gerou muita dúvida e erro. Dúvida sobre quais imagens se adequariam a atividade sugerida, e erros causados pela falta de compreensão dos objetivos. Para poder cumprir com o que me foi delegado eu teria que me inteirar do tema, para eliminar dúvidas superficiais e conseguir entender os objetivos e, então, conseguir dialogar com a Nôva sobre suas expectativas com relação as imagens. Ou seja, esse período entre a tarefa delegada, o estudo sobre o tema e o diálogo para a compreensão do que estava sendo pedido e feito, demorou aproximadamente 1 semana, em que todos os dias eu saia arrasada por não conseguir me encaixar no projeto. Foi então que passei a considerar essa oportunidade como experiência para vida, por ser uma experiência singular onde aquele binômio aluno-professor, que a licenciatura nos ensina, para aprender na prática um terceiro ponto, a pesquisa, que até então tinha uma compreensão apenas teórica.

Esse tema, **A Ditadura vista do lado de lá da fronteira: o mundo dos exílios**, por ter outros tipos de materiais além das do processo de Bona Garcia para ser estudado e trabalho, foi de mais fácil compreensão e de aproximação com a proposta. Foi então que a pesquisa de artigos, livros, filmes, sites, enfim diferentes meios de acesso ao tema passou a ser dividido e posto em prática. E isso resultou em um debate e uma sintonia muito maior com o projeto. Ou seja, a medida que íamos pesquisando e lendo sobre o tema da proposta, mais sua dinâmica se mostrava de maneira que a parte da atividade passou a ser debatida e pensada em conjunto; por exemplo, que tipo de atividade seria, que formato teria, que materiais seriam utilizados, como seria elaborada a atividade na finalidade da delimitação do tema. Como tínhamos uma boa base tanto no diálogo quanto o nas fontes pesquisadas, a busca de imagem e a integração delas com a atividade foi de fácil harmonia, o que tornou essa tarefa mais fácil que a primeira vez que a encarei nos moldes da primeira proposta que participei. Acredito que nessa proposta se estipulou um tipo de padrão de desenvolvimento que as futuras propostas deveriam atingir: pesquisa de diferentes materiais de compreensão do tema, leitura, debate constante, o resultado dessa troca de ideias se mostrava

como possibilidades de discussões que poderiam ser feitas em sala de aula.

A proposta sobre as mulheres e das relações familiares, **História das Mulheres e das Relações Familiares**, gerou um amplo processo de montagem pelo elevado grau de complexidade do tema e pela abrangência de possibilidades e riqueza das fontes selecionados. Se na proposta anterior a diversificação de material sobre um determinado tema ajudou na objetividade da proposta. Nessa proposta pela ampla diversidade das fontes nos deu uma margem de atuação muito grande sobre o tema, tivemos a primeira exceção da regra padrão estipulada na proposta anterior. Pela diversidade das seis fontes escolhidas, foi necessário uma reelaboração da estratégia utilizada até então e com as soluções encontradas que ajudaram a desenvolver a proposta, se tornou uma desafio que até hoje discutimos sobre a atividade feita e como foram trabalhadas as fontes. A dificuldade que se apresentou era com qual objetivo se trabalharia a atividade, e a linha do tempo nos dava a abrangência que precisávamos tanto temporalmente quanto pelos diferentes temas abordados. Dessa vez a busca das imagens teve que abranger desde empoderamento político feminino, desenvolvimento da mulher no mercado de trabalho, passando por moda e tipos de comportamento adotado em cada época. Cada atividade aumentava o nível de exigência e com isso a atividade tinha que dar conta da ideia proposta e passar o recado do objetivo de forma clara. Não sei se foi propositalmente ou se foi a maneira que o projeto se desenvolveu, mas me senti mais confortável em pensar e de certa forma de lançar os primeiros esboços de atividade a serem feitas, no sentido de que talvez pudesse estar me encaixando e, de certa forma, sendo útil ao desenvolvimento do projeto.

Como a complexidade das propostas aumentava, as leituras tinham que serem feitas e debatidas constantemente até mesmo para não se ter dúvidas quanto aos objetivos da atividade e não haver desvios de ideias. Esse, na verdade, foi a minha maior dificuldade em entender a delimitação dos objetivos e, combinar os objetivos com a fonte de trabalho. Nessa proposta, **Conexões Repressivas e Redes de Solidariedade: repressão e resistência no Cone Sul**, por ser uma história mais palpável no sentido de que ela não era tão subjetiva quanto as anteriores que problematizavam mais o comportamento social. Trouxe mais uma questão física de estratégia e de fronteira territorial como forma de exercício de visão histórica sobre o conteúdo da fonte escolhida. O que havia facilitado muito a imersão no mundo descrito pelo processo de Frei Betto foi o filme *Batismo de Sangue*, que mostrou a importância de pessoas e organizações que ajudavam na resistência à ditadura militar, no caso, as redes de solidariedade. Dessa forma, a atividade estava composta por dois elementos por si só bastante ricos, os processos de Frei Betto e de Gutiérrez, e o filme *Batismo de Sangue*; que poderiam ser feitas muitas análises e comparações pelos alunos.

A partir daí surgiu a ideia de fazer com que os alunos interagissem com o conteúdo de modo a se sentirem personagens dessa aventura da rede de solidariedade, foi então que se começou a pensar em um jogo em que eles fossem atores e pertencentes da história de Frei Betto. O jogo foi desenvolvido com mecanismos de jogabilidade simples, não precisando fazer um tabuleiro complexo, pois a surpresa dos passos da ação estavam nas cartas que a cada rodada mostravam um personagem diferente, uma história diferente, um caminho diferente a ser percorrido no jogo, diferentes relações com a rede de solidariedade e diferentes finais para cada um dos jogadores e/ou personagens. Acredito que o jogo tenha conseguido agregar ao conteúdo um ponto importante para o entendimento de um processo histórico, os diferentes elementos e situações que o compõe, buscando que os alunos entendam como é complexa a dinamicidade histórica.

Nessa proposta, **Herança de Pai para Filho: resistência e conquistas nos registros de testamento**, a ideia de atividade também foi muito interessante. Como o foco do trabalho foram as cartas de testamentos que entre os bens do testamento, apareciam os seus escravos, que ora eram bens a serem herdados ora eram herdeiros. E esse foi o ponto chave em que a atividade se

desenvolveu, tinha-se um desafio de problematizar o papel do escravo para crianças de 6° e 7° anos. As cartas trazem informações que nos fazem compreender a relação de senhor e escravo, mas deixam algumas lacunas que suscitam problematizações e nos levam a pesquisa e a elaboração de hipóteses.

Essas problematizações levantaram várias possibilidades de interpretação dos documentos selecionados: que tipo de relação havia entre o senhor e o escravo? Como a escrava havia conseguido sua alforria? Como essa negra forra possuía uma escrava e ainda lhe deixava uma herança a partir da carta de testamento? Como a mãe poderia ser forra e o filho ainda cativo? Como seria herdar um escravo? Como ele seria tratado pelos herdeiros de seu antigo senhor? Como não tínhamos respostas para essas perguntas nos documentos de testamento e como todas elas eram inerentes ao pensar historicamente a partir das fontes escolhidas, viu-se no teatro de fantoches a possibilidade de dar respostas a essas perguntas e ao mesmo tempo envolver os alunos nessas diferentes formas de pensar que a história nos proporciona. Para sustentar ou encaminhar as ideias para o teatro, foi elaborado na introdução de algumas possibilidades de história para que os alunos desenvolvessem seu desfecho e, com isso, poderiam utilizarem-se dos fantoches desenvolvidos ou elaborarem seus próprios fantoches.

Foi umas das propostas, **Esquemas Repressivos e Torturas**, mais fortes que fizemos pois se trabalhou, na atividade da proposta, a institucionalização da repressão. O relato de Pinheiros Salles trouxe informações muito detalhadas das diferentes torturas que havia sofrido no período em que esteve preso. Para ser entendida a institucionalização da tortura, como uma das maneiras utilizadas para conter grupos e organizações contra o regime, a atividade dividiu-se em dois momentos. No primeiro momento foi a ligação entre descrição e a imagem da tortura, com a elaboração de uma maquete. E, no segundo momento, através do filme e do documentário, foi levantada as instituições que estavam envolvidas nas torturas e os setores sociais que as financiavam.

Com essa proposta percebi que eu tinha dificuldade em trabalhar com o assunto específico sobre tortura por não conseguir visualizar ela em etapas como na proposta ficou dividida em dois momentos. Talvez tivesse montado de forma diferente essa atividade. Como era um assunto que eu tinha dificuldade de trabalhar, essa proposta me ensinou como problematizar a tortura sem cair na obviedade e no sensacionalismo.

A proposta **Mobilidade urbana e violência no trânsito**, teve como base um processo de investigação policial sobre um acidente de trânsito ocorrido em 1939. Acredito que foi a proposta de atividade mais simples que fizemos mas que, igualmente as anteriormente elaboradas, trouxe relevância em diferentes campos que pude aprender ao longo desse projeto. Como se trabalhou com fonte primária conseguiu se extrair mais um forma de análise sobre a fonte. Ou seja, não se objetivou trabalhar especificamente o assunto do acidente de trânsito ocorrido em 1939, e sim trazer e fazer a problemática para o trânsito e as diferentes formas de acessibilidade nos dias atuais. Uma atividade que revisitou o desenvolvimento do transporte público ao longo dos anos, e a outra trazendo a relação da acessibilidade, transportes alternativos e o aumento do uso carros. As duas atividades se encaixaram na possibilidade de se pensar e problematizar a mobilidade urbana em diferentes décadas da história até os dias atuais.

A elaboração das atividades dessa proposta, **O Fim da Ditadura: Anistia e Abertura Política**, reuniu diferentes estratégias utilizadas nas propostas anteriores, acho que a partir dessa proposta houve o aprimoramento das atividades até então desenvolvidas. Acredito também que ao longo dos diferentes eixos abordados exercitou-se as possibilidades de atividades para atender as demandas de cada tema, e nessa proposta as demandas foram tanto atender a proposta do tema sobre anistia e abertura política quanto a maneira com que a atividade se desenvolveria. Montar o quebra-cabeça foi o nosso maior desafio prático pois ampliou-se a pesquisa para buscar personagens no campo político e no artístico, que pudessem mostrar outras versões sobre o tema

além do processo utilizado. E esse foi o diferencial das outras atividades elaboradas, como por exemplo o jogo das fronteiras, quando utilizamos personagens reais e fictícios. Foi a proposta em que aprendi a perceber os resultados de uma pesquisa.

A proposta **Resistência à Escravidão: Uma História de Luta Registrada nos Processos Crimes** se desenvolveu em cima de um processo crime que continha o relato de diferentes pontos de vista sobre a acusação de um escravo que havia cometido um crime, entre os relatos havia o do escravo que estava sendo julgado. Pensou-se em trabalhar a interpretação das informações trazidas no documento ampliando a forma de trabalho com a fonte primária em sala de aula. Para transportar o aulo ao ambiente descrito no processo e aos passos dados pelo advogado em busca das informações para o documento, foi elaborado um jogo que funcionava como um “ligue as informações”. Que para conseguir ligar os locais aos fatos que são descritos no processo, os alunos teriam que interpretar as informações que nele continha. O que levaria a segunda atividade, pois ao conseguirem ligar as informações aos locais do jogo colocando-o em ordem, percebe-se as lacunas dos relatos, encaminhando os alunos a questionarem a fonte e elaborarem suas próprias hipóteses. Talvez essa proposta tenha conseguido aproximar o aluno da fonte primária sem uma prévia interpretação das possibilidades ou filtro do professor e do nosso olhar sobre a fonte. Deixando o aluno autônomo de suas interpretações e a partir delas desenvolver seu olhar histórico ao identificar as lacunas do processo-crime, propostas na segunda atividade.

Na proposta **O Processo de Redemocratização: Rupturas e Permanências** fiquei com a parte de pesquisa sobre as mudanças que os órgãos de repressão tiveram após a redemocratização. Uma tarefa que demandou tempo e muita leitura. O que talvez tenha resultado na atividade que foi elaborada, pois não tinha outra forma de trabalhar ludicamente algo tão complexo que somente com leitura pode se entender as transformações daqueles órgãos. As duas atividades da proposta ficaram com bastante texto tanto na sua forma de trabalho quanto no enunciado. Talvez ela tenha atingido um determinado grau de dificuldade para os alunos pois teriam que pesquisar as informações para poderem completar a primeira atividade. Na segunda atividade, eles teriam que, de certa forma, mostrarem os resultados de suas pesquisas e o que havia entendido sobre as rupturas e as permanências. Acredito que essas atividades instrumentalizaram e desafiaram os alunos se aproximarem da pesquisa e perceberam o estudo de história de uma forma diferente.

Sociedade, Violência e Políticas de Segurança, foi uma proposta bastante desafiadora pois atingiu diretamente o senso comum sobre a violência e as políticas de segurança. Por ser uma das propostas da transversalidade seu objetivo era transcender o documento e problematizar os nossos dias e aquilo que cercam os alunos, uma possibilidade de reflexão social. Um assunto bastante rico abordados em filmes, documentários, músicas, poemas e em notícias. O que facilitou ampliar a lente e elaborar atividades em que os alunos pudessem perceber as diferentes problemáticas sobre violência e segurança, aprofundando aquilo que é banalizado pelos jornais. Utilizou-se nas atividades uma dinâmica até então inédita das propostas, mas seguindo a mesma linha de elaborar atividades simples mas que fomentem o debate de ideias. O jogo dos “sete erros” buscou explorar o entorno do presídio trazendo questões de como poderia ser ou não a sua paisagem. Na atividade do Roda Viva Debate instiga os alunos a pensarem nas condições sociais sobre os presidiários, como agem as políticas de segurança e quais seus objetivos, e as contradições que resultam desses três fatores. Acredito que nessa proposta conseguimos instrumentalizar os alunos tanto pelos temas levantados para a discussão quanto pelas fontes oferecidas para pesquisa. Criou-se a possibilidade de os alunos visitarem olhares diferentes sobre um assunto que se precisa gerar uma consciência social para sair da postura banalizadora e sensacionalista das grandes mídias.

Foi uma das atividades mais lindas e delicadas que fizemos ao longo dos trabalhos a que compôs a proposta **Democracia e Justiça de Transição**. O processo e a história de Ico possibilitou desenvolver facilmente as atividades para ser pensada a necessidade da justiça de transição. Por

ser um tema em que os alunos poderiam acompanhar pela mídia os passos e os resultados da Comissão Nacional da Verdade, junto com a história de Ico tínhamos um grande campo de atuação para trabalhar o assunto de democracia e de justiça de transição. A sua morte, a forma que os agentes policiais ocultaram seu cadáver e a busca da ex-companheira pelo corpo de Ico, trouxeram a importância do trabalho da comissão ser debatido em sala de aula. Para tratar a delicadeza das pessoas que foram vítimas da ditadura militar, o jogo de quebra-cabeça conseguiu traduzir tanto o trabalho da CNV quanto as histórias das pessoas mortas e desaparecidas.

Na **A Experiência do Cativo, a Resistência e a Liberdade**, os documentos das Cartas de Liberdades trouxeram questões importantes para serem pensadas em sala de aula, como: o ano da carta de liberdade, a idade em que o escravo foi liberto, por qual motivo, o ventre livre, como era a forma de convívio com seus senhores, etc. Por serem questões tão relativas, a atividade seguiu esse caminho, no sentido de fazer o aluno pensar sobre “dar a liberdade a alguém” ou “receber a liberdade de alguém”. Os documentos selecionados abordam diferentes histórias que puderam instrumentalizar os alunos. Que em um segundo momento poderiam escolher em “serem libertos” ou “darem a liberdade”, criando um histórico de relações entre senhor e escravo, estabelecendo condições para a liberdade, se a liberdade só poderia ser possível mediante seu pagamento pelo escravo, etc. Além de transportar o aluno pra um outro tempo da história, a atividade pôde alcançar outras problemáticas já trabalhadas como a coisificação do negro, o racismo, os direitos humanos, as condições básicas para a vida. Acredito que quando uma atividade consegue reunir diferentes visões e que desenvolve a visão crítica na sua dinâmica, é uma atividade completa.

Nas atividades da proposta **A Luta por Memória, Verdade e Justiça**, conseguimos encaixar perfeitamente o processo, e ele ao tema da proposta. Isso foi outra coisa que atentamos desde o início do projeto que, tudo o que se pesquisa mesmo que não se encaixa na proposta em que se trabalha, poderá servir para uma próxima proposta. E foi o que aconteceu, conseguimos adquirir experiência ao fazer diferentes atividades e, talvez por isso, essa atividade tenha sido uma das mais tranquilas de elaborar. A dinâmica do jogo da memória compreendeu muito bem o tema abordado, pois conseguimos trazer diferentes elementos que compuseram o período da ditadura militar e fazer com que os alunos conseguissem ter um panorama das diferentes formas de resistência, diferentes formas de memória, as formas de repressão, os diferentes ditadores desse período. Ou seja, uma atividade simples que conseguia reunir e tornar visível todos os rostos da ditadura.

Como o objetivo da proposta, **Saúde – História das Políticas Públicas**, foi tratar a história da saúde pública no país, buscou-se levantar as doenças que antigamente havia alta mortalidade, verificar se ao longo do tempo houve o investimento em políticas públicas para sanar essas doenças, se houve algum resultado e quais foram. Nos documentos utilizados pra proposta, a tuberculose foi a que mais conseguimos detectar materiais de diferentes épocas falando sobre sintomas e prevenções. Juntamente a pesquisa de materiais, buscou-se diferentes artistas que sofreram desse mau, o que proporcionou pensarmos na atividade. A atividade chamou atenção para a evolução no tratamento da tuberculose, alguns artistas que morreram por causa da doença e principalmente enfatizou que a tuberculose não foi erradicada da sociedade. Com os documentos selecionados, em um primeiro momento, abriu-se um leque de possibilidades de trabalhar diferentes doenças, formas de tratamento, o aumento de investimento na saúde pública, etc. Tornando esse campo rico em informações e problemáticas para serem transitadas.